

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM EM PROJETOS SOCIAIS: REFLEXÕES SOBRE INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS COM ENFOQUE MULTIDISCIPLINAR

Eloisa Quadros Fagali^a
Instituto Sedes Sapientiae

Maristela Miranda Vieira de Oliveira^b
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as construções em grupo como forma de equacionar os desafios da aprendizagem em projetos sociais que visem à emancipação social e coletiva de comunidades. A análise é constituída por uma pesquisa teórico-prática, sendo apresentada em forma de relato de experiências, que tem como foco as ações da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Amparado por teóricos da aprendizagem e do conhecimento como Freire (1979), Edgar Morin (1994;1996;1997;1999;2000) e Pichon Rivière (1988), bem como por autores que discutem e fundamentam as possibilidades de emancipação social e coletiva a partir da lógica do conhecer, aprender e transformar, tais como Singer (2002), França Filho (2006) e Gaiger (2005), o artigo propõe, como resultado da análise, que em um processo de aprendizagem operativa em grupo é fundamental o desenvolvimento do autoconhecimento e do conhecimento do outro, bem como da cultura na qual as pessoas se veem mergulhadas, sem perder de vista a consciência das opções e decisões individuais e coletivas, para a continuidade das ações e projetos. Nesse sentido, as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários devem focar um processo de aprendizagem não abstrato ou longe da realidade concreta; uma aprendizagem capaz de integrar teoria e prática na conjunção de diferentes conhecimentos, tornando possível o sentimento de pertencimento ao grupo e conseqüentemente a sua emancipação social e coletiva.

Palavras-chave: Aprendizagem Social, Economia solidária, Incubadora universitária.

^aDoutora e Mestre em Psicologia da Educação (PUC-SP.); Pedagoga; Arte-terapeuta; Psicodramatista; Especialista em Grupos Operativos (Pichon Rivière); Psicopedagoga Clínica e Institucional, consultora em projetos sociais psicopedagógicos. Email: eqfagali@uol.com.br

^bMestre em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional (UNEB). Administradora. Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Coordenadora do Projeto Núcleo de Pesquisa Aplicada e Incubação de Empreendimentos Solidários da UESB. E-mail: maristelamvo@gmail.com

THE CHALLENGES OF LEARNING IN SOCIAL PROJECTS: REFLECTIONS ABOUT UNIVERSITY INCUBATORS OF SOLIDARY VENTURES WITH A MULTIDISCIPLINARY APPROACH

ABSTRACT

This article proposes a reflection on group constructions as a way of solving the challenges of learning in social projects that aim at the social and collective emancipation of communities. The analysis consists of a theoretical and practical research presented in the form of reports of experiences focusing on the actions by the Incubator of Solidary Ventures of the State University of Southwestern Bahia. On the basis of theorists of learning and knowledge, such as Freire (1979), Edgar Morin (1994; 1996; 1997; 1999; 2000) and Pichon Rivière (1988), as well as authors who discuss and underlie the possibilities of social and collective emancipation out of the logic of knowing, learning and transforming, such as Singer (2002), França Filho (2006) and Gaiger (2005), this article proposes, as a result of the analysis, that in a group operative learning process it is fundamental to develop both self-knowledge and knowledge of the other, as well as on the culture in which people find themselves immersed, without losing sight of the awareness of the individual and collective options and decisions for the continuity of the actions and projects. Accordingly, the University Incubators of Solidarity Ventures should focus on a learning process, which is not abstract or far from concrete reality; a learning process that can integrate theory and practice in the combination of different kinds of knowledge, making possible the feeling of belonging to the group and consequently their social and collective emancipation.

Keywords: Social learning, Solidary economy, University incubator.

Introdução

O homem, em suas características essencialmente social, político e racional, aprende nas trocas interpessoais e é capaz de operar em grupos, criando estratégias para alcançar os objetivos individuais e coletivos pretendidos, sejam eles de ordem material ou ideológica. A capacidade de se agrupar é a condição de luta pela sobrevivência que, desde os primórdios da civilização, acompanha a evolução humana, dando origem às relações cada vez mais complexas de caráter amistoso ou conflituoso, o que gera conhecimentos de diferentes dimensões e natureza (MORIN,1999).

O agir em grupo operativo (PICHON RIVIÈRE, 1988) consiste no diálogo com as diferenças, na busca de um consenso alicerçado tanto na complexa relação do homem consigo mesmo quanto na convivência com os demais, em interação com outros indivíduos. O fundamental, contudo, é a consciência sobre o respeito às diferenças e sobre as buscas de aspectos comuns, nas trocas intersubjetivas que impulsionam as pessoas a unirem-se em torno de um objetivo, movimentando-se e assumindo diferentes papéis de liderança e funções operativas individuais e coletivas (Pichon Riviere,1988). As dinâmicas interpessoais se constroem alimentadas por uma rede interativa complexa de conhecimentos, sejam existenciais, sejam derivadas das diferentes áreas de conhecimentos (MORIN, 2000).

Considerando esse pressuposto, e tendo como premissa projetos sociais que intencionam atuar no fortalecimento e desenvolvimento de grupos a fim de promover

crescimento individual e coletivo, a proposta dos projetos sociais apresentados neste artigo focalizam as concepções e procedimentos relacionados à transferência e construção do conhecimento, como é o caso das Incubadoras Universitárias, abordagem em que é fundamental a garantia de que as concepções de aprendizagem englobem ações, conhecimentos e afetos, permitindo a construção de uma relação de segurança e cumplicidade entre o grupo e os profissionais, como forma de criar um ambiente propício para a busca dos resultados almejados.

Desde já, ressalta-se a necessidade de explicar alguns termos que sustentarão toda a discussão proposta neste trabalho, tais como a palavra incubação e o termo transferência de conhecimento. Entende-se que *Incubação* é o processo de prover assistência necessária para que algo possa vir a nascer e sobreviver, muito utilizado na conceituação de Incubadoras de Empresas no mercado tradicional. Incubação deve ser entendida como processo prático educativo de organização e acompanhamento sistêmico a grupos de pessoas interessadas na formação de empreendimentos econômicos solidários (UNITRABALHO, 2006). As Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários vieram preencher uma lacuna vital no processo de formação de cooperativas e grupos de produção associada. São Instituições originadas dentro das Universidades com objetivo de prestar assessoria contínua aos empreendimentos solidários, ajudando-os a organizarem atividades produtivas ou de prestação de serviços, a empregar técnicas de gestão, legalizarem seus empreendimentos, bem como buscarem mercados e financiamentos (SANTOS, 2005).

Concepções teóricas adotadas como fundamentos da prática, reflexões e análises dos projetos

Sabe-se que o processo de aprendizagem é algo abrangente e passível de enfoque multidisciplinar, levando em conta as construções individuais articuladas às coletivas. Por esse viés, a busca de resultados que apontem para a emancipação social e coletiva de um grupo precisa estar alinhada às possibilidades de integração entre pessoas que aprendem, cuidam e orientam uns aos outros, nos diferentes contextos do aprender individual e coletivo, valorizando as articulações entre subjetividade e objetividade do conhecimento e das condutas e empreendimentos dos protagonistas dos projetos, o que vai permitir as construções individuais e coletivas capazes de gerar transformação das ações, dos projetos profissionais e existenciais do homem que desenvolve diferentes papéis na relação com o outro e nos diferentes meios de atuação.

A partir desse olhar sobre o aprender, as reflexões e práticas do projeto apresentado nesta publicação tenta responder às atuais estratégias de fortalecimento da Economia Solidária, cujo conceito aponta para um movimento de transformação social baseado na lógica do conhecer, aprender e transformar, reunindo cooperativas e empreendimentos solidários no desafio de promover a emancipação social e coletiva de comunidades. Para tanto, o estudo terá como foco as Incubadoras Universitárias e sua metodologia de transferência e construção do conhecimento, entendido como um instrumento crítico, capaz de potencializar transformações no âmbito socioeconômico, cultural e político junto aos grupos acompanhados, em busca de uma nova sociabilidade ou de novas relações sociais.

Diante do exposto, espera-se ressaltar neste artigo as transformações das construções em grupo, considerando os enfoques multidisciplinar e interdisciplinar como forma de equacionar os desafios da aprendizagem nos projetos desenvolvidos pelas Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários. Para tanto, será utilizada como exemplo a experiência da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em seus cinco anos de atuação e

desenvolvimento de projetos junto a grupos populares, com abertura para análises multidisciplinares, transdisciplinares, com ampliações e desdobramentos de aprendizagem na continuidade dos projetos.

Conhecer, aprender e transformar: através da economia solidária uma nova economia acontece

A Economia Solidária pode ser entendida como um movimento de transformação social baseado na lógica do conhecer, aprender e transformar, que propõe um novo olhar sobre a maneira de se pensar a economia contemporânea, buscando novas formas que vão além da economia de mercado. Esse Movimento é composto por cooperativas, associações, bancos do povo, clubes de troca e demais empreendimentos populares que, por meio de uma ação coordenada e sustentada em uma estrutura de atores e agentes de desenvolvimento tais como Prefeituras, Universidades, Instituições de Fomento e Bancos buscam, em um processo educativo e de organização social, contribuir com a emancipação social e coletiva da parcela da sociedade civil que se encontra distante das possibilidades de desenvolvimento, agindo contra o atual comportamento econômico que se baseia, estritamente, em uma economia de mercado guiada por valores de acumulação, competição e individualismo, descreditando a possibilidade de uma economia que seja plural, com espaço para todos (FRANÇA FILHO, 2006).

Singer (2002) defende que a Economia Solidária representa um processo de emancipação popular individual e coletiva, baseado na lógica do conhecer, aprender e transformar, e que essa tendência propõe um novo olhar sobre a maneira de se pensar a economia contemporânea, buscando novas formas que vão além da economia de mercado.

Logo, a Economia Solidária deve ser entendida a partir da concepção de um novo modo de produção, vinculado a uma estratégia de mercado diferenciada que considere a cooperação, a solidariedade, a criação de redes, a gestão do conhecimento e a autogestão, como forma de desenvolver uma prática de produção e comercialização que possibilite oportunidade a todos, principalmente àqueles que se encontram à margem do atual sistema (SINGER, 2002; GAIGER, 2005; FRANÇA FILHO, 2006; ARRUDA, 2007; CORAGGIO, 2007; KRAYCHETE, 2007).

Historicamente, é possível vincular o advento dessa prática ao surgimento dos primeiros empreendimentos associativistas e cooperativistas, conforme aponta França – Filho quando diz:

A Economia Solidária relaciona-se com o movimento associativista operário da primeira metade do século XIX na Europa, que foi traduzido numa dinâmica de resistência popular, fazendo emergir um grande número de experiências solidárias largamente influenciadas pelo ideário da ajuda mútua (o mutualismo), da cooperação e da associação (FRANÇA FILHO, 2002, p.11).

Tais empreendimentos já existiam, em forma de cooperativas de consumo, desde o século XIX e remontam ao surgimento da Revolução Industrial, momento em que se inaugurava um período de novas perspectivas econômicas e industriais, potencializando as injustiças sociais, exclusão, enriquecimento dos proprietários dos meios de produção, em detrimento de grande empobrecimento dos proprietários da força produtiva.

Na Inglaterra do século XIX, a união da força de trabalho e da solidariedade, somada ao resgate da dignidade humana e da luta pela sobrevivência, tornou-se uma forma

alternativa de produção, em uma economia baseada estritamente nas leis de mercado, além de uma forma de proteção quanto à ação devastadora da busca pelo lucro, dando origem às primeiras cooperativas.

Nesse contexto histórico vivido na Europa, e que desencadeou todo o movimento cooperativista, iniciou-se o que se conhece por Economia Social, que estava ligada ao direito ao trabalho, representando alternativa ao sistema produtivo capitalista que tornava-se hegemônico naquele momento.

A Economia Social dividiu-se em duas vertentes: uma que se voltou para a economia não-mercantil, caracterizada por uma proposta de total submissão ao poder público; e outra que se voltou para a economia mercantil, que responde às regras do mercado, ocupando lacunas onde o sistema capitalista permanecia fraco, sendo, portanto, representado pelo cooperativismo.

Nesse sentido, a Economia Solidária é entendida como uma evolução da Economia Social. Ou seja, apesar de compartilhar o contexto histórico nascente em relação ao cooperativismo e associativismo, que representa o advento da Economia Social, não poder ter a mesma definição, pois a sua proposta está além dessas vertentes.

Logo, a Economia Solidária pretende uma nova forma de relacionamento, não se sustentando somente nas relações com a economia, ou então com o Estado, mas, acima de tudo, exige um olhar para a economia, bem como para as relações tecidas com o Estado e a sociedade.

O Movimento Cooperativista, por toda sua história de luta e resistência ao sistema de produção vigente, pode ser compreendido como um dos marcos iniciais da Economia Solidária. Contudo, nem todas as cooperativas devem ser consideradas representantes do Movimento, pois, para isso, é preciso que os seus princípios estejam em sintonia com os princípios e valores da Economia Solidária, os quais vão além daqueles que representam o cooperativismo. São eles: cooperação, solidariedade, valorização social do trabalho, criatividade tecnológica baseada na satisfação plena das necessidades de todos, reconhecimento do lugar fundamental da mulher e intercâmbio respeitoso com a natureza.

Hoje, a evolução da ideia cooperativista, unida às demais formas associativas, bem como às ações de caráter social e solidário, convergem para a formação da Economia Solidária, onde se verifica não só as cooperativas populares, mas também outras associações como clubes de troca, bancos do povo, feiras de artesanato, redes de projetos comunitários, instâncias governamentais, incubadoras universitárias, entidades de apoio e fomento e demais instituições baseadas na aprendizagem, solidariedade e cooperação.

A aprendizagem como base de transformação e construção de uma nova sociabilidade: as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários

Enquanto campo de práticas ainda em construção, o Movimento da Economia Solidária tem como desafio construir bases sólidas no âmbito das políticas públicas sociais, do "agir no espaço público"¹ que, segundo França Filho (2004), é uma forma de conciliar o projeto de uma Economia Solidária com a esfera política e econômica concomitantemente.

Nesse contexto, surgem espaços de participação na esfera pública, lugares onde são acolhidas as reivindicações de movimentos populares que já tinham uma caminhada em direção à

luta pela diminuição das injustiças sociais, como é o caso dos segmentos da Igreja Católica, a exemplo das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs (1960) -, Movimentos Seculares e Movimento Sindical (1970) e Movimento dos Trabalhadores² Rurais sem Terra – MST (1980) que vêm fortalecer o diálogo com o poder público e passam a desenvolver, juntos, ações de interesse da Economia Solidária. (ALVES, 1987; CNBB, 1973; NAVARRO, 2005; SARRIA ICAZA, 2006)

Observa-se também o apoio do Governo Federal na implantação de políticas de fortalecimento do Movimento, que passou a se concretizar através das prefeituras, universidades, agências de financiamento e demais instituições reconhecidas como agentes de desenvolvimento.

Todavia, em relação a todo este apoio, passa a existir, principalmente entre os teóricos da área, uma preocupação que diz respeito ao advento de ações tipicamente assistencialistas, voltadas para os setores mais carentes, a fim de propor condições básicas de sobrevivência. Entende-se aqui como assistencialistas aquelas ações que se limitam a metas materiais imediatas e não possuem um planejamento. Essas iniciativas giram em torno de aprendizado de ofícios manuais, sem possuir maior pretensão econômica. Por conseguinte, acomodam-se e não desenvolvem um processo educativo baseado em concepções de aprendizagem e desenvolvimento de lideranças, tornando os empreendimentos dependentes de ações paternalistas, favores e facilidades por parte do poder público, tais como insumos, equipamentos e espaço físico (GAIGER, 2000).

Nesse sentido, Gaiger (2006, p. 229) aponta a necessidade de “relativizar os modelos de intervenção a fim de submetê-los a uma racionalidade que vise dar respostas mais amplas, de acordo com as necessidades dos diversos setores aos quais ela se vê confrontada” (p.229). Tal proposta só é possível através do esforço dialógico entre as múltiplas áreas de conhecimento, experimentando não só a possibilidade de se transferir técnicas mas, principalmente, a construção desse conhecimento, pautado nas demandas mais específicas de cada comunidade.

Infelizmente, é comum encontrar modelos de intervenção e transferência de conhecimento incompatíveis com o universo da Economia Solidária. Essas práticas acabam se afastando da possibilidade de uma transformação interior no sentido individual em direção ao coletivo, alcançando a sua verdadeira meta que é a emancipação social das comunidades acompanhadas.

Dentro dessa perspectiva, a evolução das estratégias de fortalecimento do Movimento deu origem a parcerias com as Universidades, criando, dentre outros instrumentos de apoio, as Incubadoras Universitárias, instituições que fomentam novas cooperativas, dando suporte aos empreendimentos até que possam adquirir autonomia e se manterem no mercado. A estratégia de criação de Incubadoras Universitárias representou um novo horizonte para as iniciativas cooperativas e associativas de caráter popular solidário, pois, a partir de uma ação articulada por processos consubstanciados em transferência e construção do conhecimento, constituem-se com um caráter educativo, contribuindo no desenvolvimento dos grupos por meio de uma ação focada no desenvolvimento de competências e habilidades capazes de darem sustentabilidade aos empreendimentos solidários.

A primeira Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários data de 1996, a partir de uma ação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo como objetivo criar um ambiente propício para o desenvolvimento das tecnologias sociais³ pesquisadas até aquele momento. Para tanto, usaram como premissa as tradicionais Incubadoras de Empresas, porém, entendendo que as mesmas serviam a um setor social já privilegiado e com realidade diferenciada dos empreendimentos populares solidários, buscaram desenvolver metodologia própria, capaz de responder às demandas e necessidades de empreendedores e grupos sociais que atuavam de forma cooperativa na geração de ocupação e renda (CRUZ, 2006).

Hoje, estando presentes em inúmeras Universidades Públicas, as Incubadoras representam uma Tecnologia Social e vivenciam o desafio de reunir, em uma ação multidisciplinar, o conhecimento produzido pelo quadro de docentes das Universidades, a experiência de técnicos e a contribuição dos estudantes, buscando viabilizar o desenvolvimento socioeconômico de grupos populares através da formação de cooperativas.

Sempre priorizando metodologias que proporcionem a transferência e construção do conhecimento, seu objetivo maior é oferecer aos grupos capacitações profissionais a partir de técnicas e instrumentos de gestão que possam contribuir na sustentabilidade dos empreendimentos econômicos solidários.

Enquanto projeto de extensão universitária, a Incubadora representa uma oportunidade de aplicar o conhecimento científico desenvolvido na Universidade, através de suas diversas áreas de conhecimento, em prol de uma demanda real, carente de apoio, acompanhamento e desenvolvimento de técnicas que contribuam para a emancipação social e coletiva, como preza a ideologia da Economia Solidária. É uma tecnologia social capaz de contribuir na prática do ensino, pesquisa e extensão a partir de uma ação multidisciplinar, integrando os diversos saberes produzidos e reproduzidos no meio acadêmico.

A fim de conciliar suas ações com o objetivo maior da Economia Solidária, e considerando todos os aspectos subjetivos que se observam na interação entre Academia e comunidade em relação à transferência e construção do conhecimento, a metodologia de incubação deve focar um processo de aprendizagem não abstrata ou longe da realidade concreta; uma aprendizagem capaz de integrar teoria e prática na conjunção de diferentes conhecimentos, conforme assinalado por Edgar Morin (1999) quando reflete sobre o abstrato, empírico experiencial e do pensamento transformador, associado ao que o autor vai chamar de conhecimento metafórico-mítico, atravessado pela arte de criar e de imaginar novos mitos, novas construções do homem, na relação com o outro.

Logo, partindo também do pressuposto de que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1979), observa-se o grande desafio das Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários, que precisam atuar dentro de uma metodologia que priorize o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre um modelo de desenvolvimento que seja viável do ponto de vista social, econômico e ambiental, ao mesmo tempo em que deve estimular a construção do conhecimento frente aos desafios de ordens técnicas e profissionais necessárias ao bom desempenho do empreendimento popular solidário.

As ações da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: desafios da aprendizagem

1- Metodologia de Incubação

A Incubadora de Empreendimentos Solidários é um projeto de extensão abraçado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia que tem por objetivo aproximar grupos, de alguma forma excluídos ou em situação de desfavorecimento, das possibilidades de desenvolvimento e emancipação social e coletiva, tendo sua base conceitual amparada nas teorias da Economia Solidária. Sua equipe conta com a participação de professores, técnicos e alunos bolsistas do projeto. Também possui parceria com a prefeitura, a Cáritas Regional, o Rotary Club, Associações de Bairros e algumas Igrejas.

Enquanto projeto de caráter contínuo, apresenta os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Estimular o empreendedorismo social na região alvo do projeto.
- ✓ Proporcionar melhoria da qualidade de vida dos empreendedores através da geração de ocupação e renda.
- ✓ Desenvolver e acompanhar projetos voltados para a área de empreendedorismo social.
- ✓ Capacitar os grupos acompanhados em produção e comercialização coletiva.
- ✓ Criar parcerias com Instituições de fomento, bem como entidades da esfera pública e privada a fim de contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos incubados.
- ✓ Promover encontros, seminários, debates e eventos que tenham como tema o fortalecimento da ação empreendedora entre os movimentos sociais e as comunidades atendidas.
- ✓ Desenvolver capacitações para a equipe de colaboradores do projeto.
- ✓ Desenvolver estudos e pesquisas em áreas estratégicas que possam agregar valor às ações de incubação.

O público alvo a ser incubado costuma ser identificado a partir de três níveis principais:

NÍVEL	PERFIL
Grupos de Interesse	Grupos que ainda não estão organizados, mas que possuem identidade de interesse e desejo de se organizarem para realizar atividade produtiva coletivamente.
Grupos Não Legalizados	Grupos que já estão organizados e realizam atividade produtiva coletivamente, porém ainda não são legalizados e constituídos em forma de empreendimento popular solidário.
Empreendimento Solidário	Grupos que já estão organizados legalmente, mas estão frágeis, com problemas de gestão.

Os grupos de Interesse costumam ser identificados a partir de um convite feito por algum líder comunitário. Nesse momento, a Incubadora inicia um processo de acompanhamento buscando visualizar possibilidades de desenvolvimento junto à comunidade.

Os Grupos Não Legalizados geralmente são pessoas que já produzem de forma individual, porém, por não possuírem um empreendimento formal, tornam-se frágeis em relação ao mercado, uma vez que não conseguem concorrer com as empresas. Muitas vezes, perdem vendas ou encomendas por não possuírem um CNPJ e não poderem emitir nota fiscal, como acontece frequentemente com os profissionais do artesanato.

Também os catadores de materiais recicláveis, por não estarem organizados em forma de cooperativa ou associação, são vítimas de um mercado informal cheio de atravessadores, geralmente proprietários de depósitos que se aproveitam da informalidade da atividade e subjagam o resultado do trabalho dos catadores, diminuindo o valor de cada material já que a prensa e a balança (equipamentos fundamentais na agregação de valor deste tipo de produto) são de sua propriedade. Aproveitam-se, portanto, da falta de capacitação e conhecimento dos trabalhadores informais da coleta seletiva.

Nesses casos, a Incubadora costuma realizar visitas técnicas a outros empreendimentos da mesma área que já estão constituídos legalmente e com história de sucesso, ou mesmo convidar profissionais da área de interesse do grupo a fim de apresentar os desafios e as oportunidades existentes no setor para os empreendimentos legalmente constituídos.

Em relação aos Empreendimentos Solidários já constituídos legalmente, estes são organizações que estão passando por momento de crise na maioria das vezes em relação ao desafio da gestão cooperativa. Os integrantes têm dificuldades em trabalhar de forma cooperada, não aceitam as decisões tomadas em assembleias, não conseguem

dialogar de forma proativa, não passam os produtos para serem comercializados através da cooperativa, param de ir às assembleias e isolam-se da direção da cooperativa. Necessitam, portanto, de um sério trabalho de retorno aos princípios e valores do Movimento de Economia Solidária, precisam ser motivados novamente a partir da identificação dos pontos fortes que possuem enquanto grupo e pessoas integrantes de projetos, considerando seus valores, crenças, capacidades, que podem ser expressas, nas dinâmicas grupais, numa condição de respeito às diferenças e às buscas existenciais e profissionais das pessoas, sem perder de vista a construção e compromisso com o outro, no enfoque coletivo, desenvolvendo a atitude de cooperação.

Para tanto, ressaltam-se as contribuições psicopedagógicas sobre dinâmicas da aprendizagem mobilizadas pelos diálogos e trocas de experiências e conhecimentos, com enfoque transdisciplinar que, segundo Morin (1997), se constitui como uma "dialógica" entre ações e reflexões, sustentados por trocas de experiências e conhecimentos em torno de temas existenciais e éticos, que transcendem as especificidades das áreas de conhecimentos e dos procedimentos e recursos tecnológicos, sem excluir o valor das especificidades dos saberes, das disciplinas e das tecnologias.

Enfim, para dialogar com grupos de perfis e demandas diferenciadas, a Incubadora da UESB utiliza uma metodologia de atuação que permanece em constante construção, considerando as diversas possibilidades de se trabalhar a inovação e criatividade do público alvo, bem como as demandas e desafios dos grupos acompanhados.

Outrossim, a convivência com os grupos populares ao longo do tempo tem se mostrado fundamental para o redesenhar metodológico, pois o dia-a-dia da equipe apresenta aspectos altamente desafiadores relacionados à troca de conhecimento entre o mundo acadêmico e a comunidade, fazendo uma grande diferença nas estratégias idealizadas e no que de fato se observa quanto à evolução dos grupos.

Hoje, a metodologia utilizada no processo de transferência e construção do conhecimento com grupos populares como artesãos, catadores, garimpeiros, quilombolas, etc. está dividida em três grandes etapas, que são desenvolvidas ao longo de 4 anos quando se completa o ciclo de acompanhamento. As etapas se dividem em Pré-Incubação, Incubação e Desincubação.

Os temas desenvolvidos na Pré-Incubação tem o objetivo de atrair as pessoas para o encontro e, geralmente, tratam de Empreendedorismo, Economia Solidária, Economia Criativa, artesanato, entre outros. Nesses momentos, a equipe aproveita a oportunidade para traçar um perfil da comunidade, realizar um diagnóstico socioeconômico e observar que tipo de atividade produtiva existe naquele grupo que poderia se tornar uma fonte de renda para aquelas pessoas. Normalmente são temas que despertam a vontade de sair da zona de conforto em direção à melhoria da renda familiar.

Na etapa da Incubação, a Incubadora e o grupo já definiram qual atividade produtiva a comunidade realiza e já é possível trabalhar para a organização e legalização do empreendimento, quer seja uma cooperativa ou uma associação. Nessa fase, a Incubadora passa a prestar assessoria técnica para a gestão e formação dos integrantes, bem como oferece palestras com temas voltados para a motivação e fortalecimento da autoestima. As reflexões e procedimentos sobre aprendizagem social, com atenção a motivações, desenvolvimento da autoestima e habilidades sociais requerem cuidados e contribuições multidisciplinares e transdisciplinares, contando com orientações dos estudos e atuações psicopedagógicas e pedagógicas.

Em relação à etapa de Desincubação, sendo possível identificar a autonomia e autogestão do grupo, estando este fortalecido para dar continuidade aos processos de gestão, produção e comercialização, inicia-se um processo de desvinculação gradativa da incubadora.

Vale salientar que a Incubadora da UESB entende que o processo de desincubação deve acontecer desde o primeiro momento de incubação, a fim de prepará-los para continuarem a caminhada sem a Incubadora. Nesse sentido, a partir da primeira ação de incubação os integrantes são motivados a participarem de todos os processos de decisão e atuarem de forma proativa em relação à gestão do seu empreendimento, promovendo, assim, a cada momento, a cultura de libertação da Incubadora, que não deve tomar para si a gestão do empreendimento, mas sim capacitá-los a se auto comandarem, como preza o princípio da autogestão, fundamental em empreendimentos cooperativistas e associativistas.

Do ponto de vista da educação e aprendizagem, esse entendimento está alicerçado nas grandes contribuições reflexivas e práticas de Paulo Freire (1979), quando enfatiza a meta da educação em direção à autonomia do sujeito ou do grupo aprendiz, sem perder a consciência da necessidade das inter-relações com o outro. Assim como em Edgar Morin (1996,1999, 2000), que defende a construção do sujeito e do conhecimento e sua constituição de identidades múltiplas, sem perder de vista a dialógica constante com o outro diferente e as multiplicidades de olhares. Segundo Pichon Riviere (1988), as criações emergem nessa construção com o outro, nas trocas entre histórias e reconstruções de novas em constante transformação. Desse modo, os grupos se constituem em direção à possível autogestão dos grupos que o autor qualifica como "grupos operativos", e que possibilitam o desenvolvimento das tarefas mobilizadas pelas trocas e cooperações.

Nesse processo de aprendizagem operativa em grupo, um dos objetivos importantes refere-se ao desenvolvimento do autoconhecimento e do conhecimento do outro, bem como da cultura em que as pessoas se veem mergulhadas, sem perder de vista a consciência das opções e decisões individuais e coletivas, para a continuidade das ações e projetos: "todo o amanhã se cria num ontem, através de um hoje, de modo que nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos" (FREIRE,1979, p.10).

2- Resultados, reflexões e desafios no acompanhamento dos grupos populares

Como resultado de suas ações ao longo de cinco anos, a Incubadora da UESB possui empreendimentos legalizados e empreendimentos em fase de sensibilização. Esses grupos foram abraçados pelo projeto e é da relação individual com cada um que nasce o principal questionamento levantado nesta publicação, justamente no que se refere à necessidade de analisar a importância da multidisciplinaridade como forma de equacionar os desafios da aprendizagem no processo de transferência e construção do conhecimento.

A fim de apresentar questões pontuais sobre os desafios da aprendizagem – foco deste artigo, serão elencados dois grupos que apresentam características importantes para a reflexão, bem como os resultados verificados ao longo do processo de acompanhamento. A Cooperativa de Artesanato Criar e Recriar e a Associação de Catadores de Materiais Renováveis Pedras Preciosas. Cada um com seu perfil, suas demandas, seus sonhos. Envolvendo essas duas realidades, um projeto que busca contribuir para a emancipação social e coletiva por meio da transferência e construção do conhecimento.

Cooperativa de Artesanato Criar e Recriar

O grupo de mulheres reunidas na Cooperativa de Artesanato Criar e Recriar foi organizado em 2009 através do Projeto da Incubadora, que tinha como objetivo proporcionar apoio necessário para formação de uma Cooperativa de Artesanato, reunindo mulheres integrantes das oficinas de artesanato promovidas como ação de extensão da Universidade.



Durante o 1º ano de Incubação, o grupo participou de vários encontros de sensibilização com temas diversos, explorando os aspectos de trabalho em grupo e os diversos tipos de empreendimentos que podiam resultar em crescimento e geração de renda. Também foram realizadas visitas técnicas a outras cooperativas da região e encontros com os outros grupos acompanhados pela Incubadora para fins de avaliação e diagnóstico participativo das ações realizadas no projeto.

O público alvo demonstrou cada vez mais apreensão das técnicas e instrumentos de gestão desenvolvidos através do projeto, tais como legalização da Cooperativa de Artesanato Criar e Recriar, desenvolvimento de cálculo para formação de preços, técnicas de vendas e propaganda, além de ter se mostrado, progressivamente, mais envolvidos nas ações da sua Cooperativa por meio de processos de tomada de decisão e ações de interesse desta. Nesse contexto, as Associadas da Cooperativa participaram de várias Feiras e eventos durante os anos de 2009 a 2011, em geral, com exposição e comercialização dos seus produtos.

O Grupo foi composto por 34 associados, sendo 33 mulheres e 01 homem, com idades entre 40 a 80 anos. Algumas aposentadas e outras se identificavam como "Do lar", porém todos, incluindo o único homem que também é aposentado, atuavam como artesãos.

Na Cooperativa Criar e Recriar, nome este sugerido pelo próprio grupo em oficina realizada pela Incubadora, todos os artesãos tinham o direito de desenvolver o seu artesanato, dando origem a produtos diversos como objetos para decoração, artesanato em tricô e crochê, assessorios, reciclagem, artesanato em palha de milho, arranjos e macramê. A fim de fortalecer a produção, os próprios associados atuavam como ministrantes de oficinas para capacitação do grupo em relação aos produtos com maior demanda, e buscavam inserção na comunidade rural através do oferecimento de cursos de artesanato em palha de milho com fins de capacitar tais comunidades para a produção desse tipo de artesanato e fortalecimento da cooperativa nessa área.

Demonstraram grande motivação com a criação da cooperativa apontando a ausência de problemas como a depressão que sentiam antes da participação no projeto. Relatos também foram observados do orgulho que sentiam ao perceberem-se como criadoras e responsáveis pela organização de uma cooperativa.

Em relação à vida familiar, demonstravam estar mais desapegadas das funções de donas de casa, priorizando o seu crescimento enquanto profissionais do artesanato. Os maridos, que no início do projeto demonstravam insegurança em relação à participação das esposas na cooperativa, já as acompanhavam e colocavam-se à disposição para contribuir durante as feiras.

Apesar do visível crescimento daquele grupo durante os dois primeiros anos de incubação, no início do 3º ano, quando a Cooperativa recebeu convite para produzir encomendas fundamentais para o seu desenvolvimento econômico, e que deveriam ser produzidas em maior quantidade, percebeu-se uma desarticulação do grupo, que apresentava insegurança em assumir a responsabilidade de forma conjunta.

Foram realizadas várias reuniões, inclusive com a participação de Agências Bancárias que propunham financiamento do capital necessário à produção. Nessa época, várias encomendas foram perdidas, dificultando a saúde financeira da Cooperativa.

Ainda nesse período, as principais lideranças motivadas pela possibilidade de atuar no mercado, afastaram-se da Cooperativa para poderem comercializar individualmente. Uma das artesãs, que sofria de depressão e demonstrava grande melhora após o projeto, além de atuar como ministrante de técnicas de acabamento para as próprias colegas, foi convidada, após uma Feira de Economia Solidária, para trabalhar como professora de artesanato em um grande armazém da cidade, deixando a cooperativa. Outra artesã, que atuava na diretoria, buscou o programa Empreendedor Individual e montou sua própria empresa.

Os diagnósticos realizados pela equipe da Incubadora apontaram inúmeros conflitos de ordem pessoal entre o grupo de mulheres, desentendimentos, boatos, inseguranças, dúvidas, mágoas.

Ainda que várias reuniões fossem realizadas para equilibrar o grupo, ao sair do ambiente da Incubadora as mesmas atitudes eram repetidas, desmotivando muitas participantes, deixando a frente apenas a presidente e poucas associadas.

Também, na época, foi diagnosticada uma relação de poder muito forte da presidente do grupo e falta de diálogo em relação às demais. Todo esse conflito resultou no afastamento das artesãs, o que impossibilitou a cooperativa de assumir encomendas que seriam fundamentais para o seu fortalecimento.

As reuniões não surtiram efeito na diminuição dos conflitos uma vez que as participantes optavam por não expor o que estava acontecendo, dando a impressão de que as coisas estavam bem. Contudo, ao voltarem para suas casas não se motivavam a realizar os compromissos assumidos.

Nesse sentido, percebe-se hoje a necessidade da realização com aquele grupo, de oficinas de trocas compartilhadas dos temas e angústias, diálogos com conflitos que não deveriam ser ocultados, entendendo que fazem parte da existência humana. Do ponto de vista psicopedagógico, faltaram trabalhar diferentes papéis no grupo, desenvolvimento de diferentes lideranças a fim de valorizar todos com suas capacidades. Também a redistribuição de diferentes valores, lidar com raivas e outros componentes emocionais, aspectos trabalhados com os chamados grupos operativos que culminam na verdadeira autonomia, segundo o psicólogo social, Pichon Riviere.

Hoje, a Cooperativa está inativa, apesar de algumas associadas ainda procurarem notícias na Universidade para saber se a ação será resgatada.

Associação de Catadores e Recicladores de Materiais Renováveis - Pedras Preciosas



A atividade de coleta seletiva é alvo de interesse da Economia Solidária visto que representa uma ação ligada à promoção do desenvolvimento, a partir do intercâmbio respeitoso com a natureza.

Nesse sentido, a Incubadora em parceria com a CARITAS buscou apoiar e fortalecer um grupo de catadores de materiais recicláveis e suas famílias, residentes em um bairro periférico da cidade, através da criação de um Empreendimento Popular Solidário.

A ação teve como objetivo contribuir na promoção do desenvolvimento com sustentabilidade, por meio de práticas voltadas para a geração de ocupação e renda, inclusão social, qualidade de vida e educação ambiental.

A metodologia adotada foi a mesma desenvolvida com os demais grupos, criando condições para que os catadores pudessem produzir, comercializar e distribuir, de forma estratégica, a produção resultante da coleta seletiva. Para tanto, foram enviados esforços no sentido de promover a organização deste grupo, a fim de constituir a Associação de Catadores Pedras Preciosas.

O grupo de catadores participou no 1º ano de todas as ações da Incubadora, e durante os encontros foram apresentando cada vez mais evolução.

Convém assinalar algumas mudanças de ordem individual e coletiva que aconteceram durante o diálogo com esse grupo como, por exemplo, o fato de nas primeiras reuniões alguns participantes comparecerem embriagados e vestidos com as mesmas roupas que estavam fazendo a coleta seletiva, o que causava desconforto a todos, principalmente à equipe da Incubadora; também se recusavam a aguardar o início do evento dentro da sala, preferindo ficar sentados na calçada da rua enquanto chegavam os demais. Contudo, após alguns eventos e palestras, e muita palestra motivacional, foi

percebido uma relevante mudança de atitude em relação aos cuidados básicos pessoais e também à timidez de não aceitarem permanecer dentro da Instituição.

Entre os catadores, havia um senhor com aproximadamente 50 anos, mas que aparentava ter 70 por conta de uma imensa barba descuidada e das roupas que vestia, além de estar sempre um pouco embriagado. Ele comparecia em todos os encontros e sempre estava calado, observando. Entretanto, no último dia do evento Oficina do Empreendedor, que teve duração de 4 dias, apareceu muito bem arrumado, com a barba feita, perfumado, o que causou grande espanto em todos que ali estavam, era como se fosse outra pessoa, além de ter rejuvenescido 20 anos. A surpresa foi festejada por todos, e a equipe entendeu aquela mudança como um ato de transformação interior e crescimento, o que foi percebido como um grande resultado na busca da emancipação social daquele grupo e empoderamento daquele senhor, que, talvez, não se sentisse digno de estar entre o grupo ou mesmo de sentar-se na sala com os demais e, naquele momento, mostrou-se realmente integrado à proposta de desenvolvimento vislumbrada no projeto.

Entre as ações de agregação de valor ao grupo destaca-se o recebimento de uniformes para trabalharem com o mínimo de segurança, criação de uma logomarca que caracterizasse a história do grupo desenvolvida por um artista plástico da cidade, visita ao campus universitário, que até então não conheciam, com participação na TV e Rádio UESB ao vivo, o que causou muita euforia a todos.

O nome da associação Pedras Preciosas, foi também escolhido pelo grupo por fazer menção ao nome do bairro que é Bairro das Pedrinhas, muito violento e discriminado na cidade.

O desafio da transferência de conhecimento nesse grupo foi ainda maior visto ser o público alvo como menor nível de escolaridade e de faixas etárias diversas, de 18 a 50 anos, o que impôs à equipe o desafio de buscar formas criativas de apresentar o conteúdo voltado à formação profissional necessária ao desenvolvimento do empreendimento solidário, tendo que recorrer a inúmeras estratégias que não fosse a leitura, uma vez que quase todos eram analfabetos.

A fim de solucionar diversos conflitos de ordem pessoal entre os integrantes do grupo, os encontros temáticos foram adaptados às reais necessidades destes, principalmente na inserção de "roda de conversa" com os seguintes temas: Os Desafios da Liderança e Inteligência Emocional.

Uma outra dificuldade metodológica apresentou-se na relação de confiança tecida entre o grupo de catadores e a equipe da Incubadora. Observou-se uma constante interferência na comunicação, criada pelo próprio grupo, que passou a disputar poder dentro da Associação, dificultando a relação entre a Instituição e o público alvo. Esse acontecimento foi responsável pela realização de inúmeras reuniões de esclarecimento, comprovando o grande desafio que reside no fazer diário com grupos populares e o quanto é necessário uma construção metodológica capaz de lidar com aspectos tão sutis da interação academia/sociedade.

Devido à dificuldade de comunicação entre o grupo de catadores, a Associação passa, neste momento, por um período de inatividade, tendo sido observado que seus associados acabaram por utilizar todo o conhecimento adquirido durante a formação no desenvolvimento dos seus próprios negócios, causando uma desarticulação no trabalho coletivo.

Também passaram a buscar formas individuais de não serem tão explorados pelos compradores do material que coletam, isso devido aos vários esclarecimentos que receberam e a uma visita técnica realizada na maior cooperativa de reciclagem da cidade, onde puderam perceber o quanto perdiam por não possuírem equipamentos básicos como balança e máquina para enfardar a coleta.

Contudo, entende-se que o projeto cumpre a sua função no que tange à emancipação individual, uma vez que se presencia um empoderamento de seu público, ainda que não tenha conseguido atuar coletivamente, como quer a Economia Solidária.

Considerações Finais

Por meio desses dois projetos, pode-se constatar que a transferência de conhecimento da Academia para a comunidade, objeto da Incubadora, tem se mostrado um grande desafio, uma vez que os grupos populares costumam ser muito heterogêneos, com perfis diversos, desde pessoas diplomadas a pessoas sem nenhuma instrução formal, além de apresentarem aspectos culturais muito específicos, diferenciando-os conforme a área de atuação, quanto ao gênero ou mesmo quanto à faixa etária e renda per capita (catadores, artesãos, pedreiros). Entendendo que as diferenças precisam ser respeitadas, a Incubadora tem como desafio organizar esses grupos a partir do que produzem, capacitando-os e motivando-os para a produção e comercialização coletiva.

Em cinco anos de caminhada, a experiência com grupos populares tem revelado a importância de uma constante revisão daquilo que se acredita ser a melhor técnica, a melhor estratégia de transferência e construção de conhecimento. Observa-se a inviabilidade de se formatar uma metodologia de acompanhamento única, que possa responder a todas as necessidades presentes na rotina dos empreendimentos, considerando a existência de desafios socioeconômicos, de relacionamento e psicológicos, que surgem a todo instante e que vão delimitar a atuação da Incubadora durante o processo de acompanhamento desses grupos.

Considerando que a Incubadora lida com adultos e ainda que trabalhem informalmente, são profissionais e já estão, de certa forma, transitando no mercado que, na maioria das vezes os explora. O desafio é, portanto, conseguir equilibrar tantas demandas pessoais com os princípios da união, solidariedade, cooperação e respeito mútuo, apreensão de técnicas, interação e diálogo com a equipe da Universidade que é o foco principal do processo de incubação.

Logo, se considerarmos que as Incubadoras Universitárias preconizam um trabalho multidisciplinar capaz de desenvolver técnicas e metodologias transformadoras, a fim de serem aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, fica claro que a sua esfera de atuação envolve as múltiplas áreas do conhecimento, para além das áreas de Administração, Economia, Direito, Ciências Contábeis, ainda que a temática pareça estar voltada para a criação de um empreendimento econômico, deve ser observado, também, a necessária participação de áreas fundamentais no lidar com a aprendizagem, tais como a pedagogia, psicopedagogia, psicologia entre outras.

Projetos como a Incubadora de Empreendimentos Solidários mexem com os sonhos de uma comunidade, atraem profissionais do artesanato, catadores de materiais recicláveis, garimpeiros, pedreiros, pintores, encanadores, todos com labor que sustenta suas famílias e que percebem, na chegada da equipe da Universidade, uma chance de se organizarem e ocuparem seu espaço em um mercado tão desigual e excludente. São carentes de técnicas que possam valorizar sua atividade, instrumentos de gestão, capacitações profissionais, aprendizagem que promovam relações sociais e interpessoais e, na maioria das vezes, ingênuos a ponto de acreditarem que o seu produto não possui valor. Nesse contexto, todos tornam-se cúmplices, academia e comunidade, na aprendizagem, no crescimento e no entregar-se ao outro.

Do ponto de vista da complexidade do homem, das culturas, da comunidade e do conhecimento e aprendizagem, não se pode deixar de destacar os pensamentos de Edgar Morin (1994,2000), quando este fala das condições de mudanças na cultura que se

processa com a aprendizagem da transformação, gerando desvios ou deslocamentos das construções padronizadas e já consagradas que bloqueiam novas criações. Segundo o autor, as ações transformadoras, mesmo grupais, se constituem com características locais e não generalizadas globais, mas, se bem elaboradas, sem perder de vista uma percepção panorâmica do todo, com cuidados em manter a dialógica entre as diferenças, podem constituir-se como forças que fragilizam gradativamente as normalizações que estagnam as mudanças, alimentando as fragmentações e individualizações, reforçando as imposições dominadoras sobre as configurações novas e emergentes.

Há disposições de continuidade das orientações e reconstruções desse projeto, com este enfoque social e com aberturas para configurações que são e serão delineadas, por meio da escuta do outro, das reflexões multidisciplinar e das adequações a cada demanda, realidade e contextos, sem perder de vista a esperança e o encorajamento de Edgar Morin (1999), quando afirma que "é necessário que a nova ideia beneficie a partida de uma microefervescência... Depois as fervuras multiplicam os fermentos que multiplicam as fervuras" (p.30).

E é com esse olhar que as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários enfrentam os desafios da aprendizagem. Sua ação representa a busca pela intermediação racional entre o mercado e os empreendimentos populares a partir de uma perspectiva de desenvolvimento socioeconômico pautado em concepções de aprendizagem que promovam a construção e transferência do conhecimento. Afinal, entende-se que projetos que se prestam a buscar a inserção produtiva e a inclusão social, precisam responder a real necessidade daqueles que são o sentido maior de sua existência e ter clara definição entre o momento de agir, apoiá-los e dar-lhes liberdade de ação.

Referências

ALVES, M. H. M. **Estado, oposição no Brasil (1964 – 1984)**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

ARRUDA, M. Estratégia de formação no campo da economia dos setores populares. In: KRAYCHETE, Gabriel; AGUIAR, Kátia (orgs.). **Economia dos Setores Populares: sustentabilidade e estratégias de formação**. São Leopoldo: Oikos, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. "**Eu ouvi os clamores do meu povo**". Documento de Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste, 1973.

CORAGGIO, J. L. Sustentabilidade e luta contra-hegemônica no campo da Economia Solidária. In: KRAYCHETE, Gabriel; AGUIAR, Kátia (orgs.). **Economia dos Setores Populares: sustentabilidade e estratégias de formação**. São Leopoldo: Oikos, 2007.

CRUZ, Antônio. Incubação de iniciativas econômicas associativas: uma agenda metodológica construída a partir da experiência In: **IV Encontro Latino-Americano de Pesquisadores em Cooperativismo** (mídia eletrônica). Rosario (Argentina): UNR/ACI, 2006.

FRANCA FILHO, G. C. A perspectiva da Economia Solidária. In: FISCHER, T. (Org.) **Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação**. Salvador, BA: CASA DA QUALIDADE, 2002.

_____; LAVILLE, J. L. A **Economia Solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____; LAVILLE, J. L.; MEDEIROS, A.; MAGNEN, J. P. (Org.). **Ação Pública e Economia Solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. R.J.: Paz e Terra, 1979.

GAIGER, L. I. **Os caminhos da Economia Solidária no Rio Grande do Sul.** In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Orgs.) **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista.** Leituras Cotidianas nº 127. Rio de Janeiro, 2005.

_____. A Economia Solidária e Espaço Público. In: FRANÇA FILHO, etal. (Org.). **Ação Pública e Economia Solidária: uma perspectiva internacional.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

KRAYCHETE, G.; AGUIAR, K. (orgs.). **Economia dos Setores Populares: sustentabilidade e estratégias de formação.** São Leopoldo: Oikos, 2007

MORIN, Edgar. **Complexidade e Ética da Solidariedade, Ensaios de Complexidade.** Porto Alegre: Sulinas 1997.

_____. **A Ecologia das Ideias, O Método IV: as ideias: [a sua natureza, vida, habitat e organização].** Mira-Sintra: Europa-América, 1994.

_____. **Ciência com Consciência.** R.J.: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Método 3: o conhecimento do conhecimento.** Porto Alegre Sulinas, 1999

_____. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar.** R.J.: Garamond, 2000.

NAVARRO, Z. Mobilização sem Emancipação – as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In: SANTOS, B.S. (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PICHON-RIVIÈRE. **O Processo Grupal.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SARRIA ICAZA, A. M. Políticas Públicas e Economia Solidária no Rio Grande do Sul. In: FRANÇA FILHO, etal. (Org.). **Ação Pública e Economia Solidária: uma perspectiva internacional.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** 1ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

¹Expressão utilizada por França Filho (2004) na defesa da inclusão da proposta de Economia Solidária no âmbito das políticas de Estado.

²Conforme aponta Alves (1987) são associações cívicas que não dependem do Estado no sentido financeiro e administrativo, a exemplo das associações de moradores, associações de bairro, associações comunitárias, entre outras.

³Segundo o Instituto de Tecnologia Social – ITS Brasil, Tecnologias Sociais são técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida.